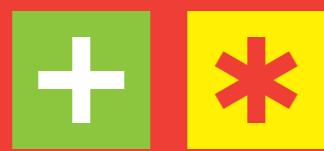




Fortalecimento do Protagonismo Juvenil e participação na gestão democrática da escola

Trilhos da EDUCAÇÃO

São Luís, 2021



Trilhos da EDUCAÇÃO

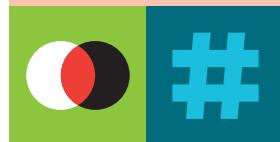
Fortalecimento do
Protagonismo Juvenil e participação
na gestão democrática da escola

São Luís, 2021



Fortalecimento do Protagonismo Juvenil e Participação na Gestão Democrática da Escola.

Esta publicação foi elaborada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil). A edição desta obra foi viabilizada por meio do projeto “Trilhos da Educação - Assessoria técnico-pedagógica para o fortalecimento da educação básica nos municípios ao longo da Estrada de Ferro Carajás”, realizado por meio de parceria estabelecida entre a Flacso Brasil, a Vale S.A. e a Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão. Sua distribuição eletrônica ou impressa é gratuita.



Dados Internacionais de Catalogação na Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Toledo, Gabriel Medina de
Fortalecimento do protagonismo juvenil e participação na gestão democrática
da escola [livro eletrônico] / Gabriel Medina de Toledo. -- 1. ed. --
Brasília, DF : Flacso, 2021. --
(Coleção trilhos da educação ; 1)
PDF.

Bibliografia
ISBN 978-65-87718-21-7

1. Democracia 2. Educação (Administração escolar)
3. Gestão escolar 4. Jovens - Educação I. Título II. Série.

21-77747

CDD-371.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Gestão escolar : Planejamento e estratégia:
Educação 371.2

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/312

Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão

Governador do Estado do Maranhão

Flávio Dino de Castro e Costa

Secretário de Estado da Educação

Felipe Costa Camarão

Subsecretário de Estado da Educação

Danilo Moreira da Silva

Secretaria Adjunta de Gestão da Rede do Ensino e da Aprendizagem

Nadya Christina Guimarães Dutra

Vale S.A.

Presidente

Eduardo Bartolomeo

Vice Presidente da Vale

Luiz Eduardo Osorio

Diretor de Relações Institucionais

Luiz Ricardo Santiago

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – Flacso Brasil

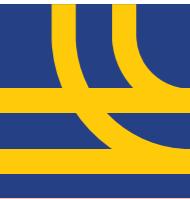
Diretora

Salete Sirlei Valesan Camba

Coordenadora do Programa Cidadania, Participação Social e Políticas Públicas

Kathia Dudyk





Trilhos da Educação

Coordenação Geral

Kathia Dudyk

Coordenação de Articulação e Gestão Interna

Bárbara Alves Nonato

Coordenação de Conteúdo

Carolina Albuquerque Silva

Coordenação Pedagógica

Camila Castanho

Coordenação de Ações de Juventude

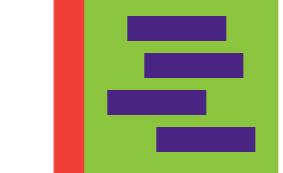
Edvard Sales Ferreira Neto

Coordenação Administrativa-Financeira

Márcia de Câmara Campos

Equipe

Aline Quintão, Fernanda Valesan, Juliana Nascimento Lima, Pedro Gorki e Wilna Sena.



Ficha Técnica

Organizadores

Carolina Albuquerque Silva
e Gabriel Medina de Toledo

Autor

Gabriel Medina de Toledo

Coautor

Lucas Guido Fauser Silva

Revisão técnica

Margareth Doher

Projeto gráfico

JJBZ e Vinícius Lourenço Costa

Diagramação e ilustração

JJBZ e Keko

Assistentes de Edição:

Ana Cristina J. de Melo e
Rafael Minoru (Contra Regras)

Sumário

CAPÍTULO 1 - O QUE É SER JOVEM

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 09 |
| Juventudes..... | 10 |
| Diversidade..... | 12 |
| Desigualdade..... | 14 |
| Quando a Desigualdade e a Diversidade Se Encontram..... | 16 |

CAPÍTULO 2 - DIREITO JUVENIS

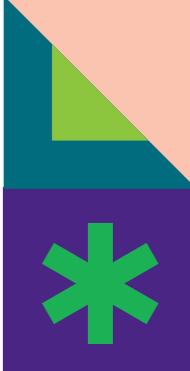
| | |
|--|----|
| Introdução..... | 19 |
| Direitos Humanos - Os Direitos Juvenis e a Sua História..... | 21 |
| Linha do Tempo..... | 22 |
| Estatuto da Juventude..... | 24 |
| Direito à Participação..... | 26 |

CAPÍTULO 3 - O JOVEM NA ESCOLA

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 29 |
| Gestão Democrática e Participação..... | 30 |
| Participação na Sala de Aula..... | 32 |
| Participação na Escola..... | 34 |
| Importância da Representação..... | 38 |
| Coletivo Juvenis | 40 |
| Regras, Convivência e Clima escolar | 41 |
| Projeto de Vida | 42 |

CAPÍTULO 4 - JUVENTUDE, ESCOLA E COMUNIDADE

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 45 |
| Conhecendo o Território..... | 46 |
| Coletivo Juvenis..... | 48 |
| Conexão Participação, Escola e Território..... | 48 |
| Formas de Organização Juvenil Dentro e Fora da Escola..... | 51 |
| Conclusão..... | 52 |
| Referências..... | 53 |



Capítulo 1

O que é ser jovem?



Introdução

Você já teve sua opinião ignorada por ser jovem? Você já ouviu pessoas falar para você aproveitar a vida nesse momento enquanto não tem nenhuma responsabilidade? Já te disseram que a juventude é uma fase de rebeldia e que os jovens só fazem besteira? Ou até mesmo que a juventude é o nosso futuro e que os jovens de hoje vão corrigir os erros das gerações anteriores?

Pois é, provavelmente você já tenha se deparado com situações desse tipo. Estas são algumas das diversas visões que a nossa sociedade possui sobre os jovens. Ela coloca a juventude em diferentes posições, inclusive contraditórias, ora diz que você só pensa e faz besteira, ora diz que você é o futuro do país, mas em geral essas visões acabam por construir uma

imagem que o jovem brasileiro é igual, em qualquer lugar ou realidade vivida.

Mas será que tudo isso faz sentido? Será que a juventude se resume a essas visões? Será que só existe uma forma de ser jovem no Maranhão, no Brasil ou no mundo?

Estas são perguntas fundamentais para entender o que de fato significa ser jovem. É sempre importante pensar para além dos estereótipos e das frases prontas que escutamos por aí, para construir uma visão própria sobre o que realmente experimentamos em nossas vidas, que asseguram ou limitam as possibilidades de ser jovem, com liberdade e felicidade. Para começar a reflexão sobre esse seu momento de vida, que chamamos de juventude, propomos a atividade *Para começo de conversa*.

Para começo de conversa

Junte-se com seus colegas ou responda individualmente as seguintes perguntas:

- Afinal, o que é ser jovem para você?
- Como você e seus/suas colegas vivenciam a juventude?
- Existe uma única forma de ser jovem? Por quê?
- O que as pessoas ao seu redor (em especial os adultos) ensam ou falam sobre os jovens e a juventude?
- Que vivências você acha que têm relação com a cidade, local ou estado que você vive e que não marca a experiência de outros jovens?

Deixe registradas as suas respostas no seu caderno, pois ao passo que explorarmos os conceitos de juventude, diversidade e desigualdades você poderá compará-las com o que hoje se pensa sobre esses temas, assim como se questionar como as visões apresentadas a seguir dialogam com as suas experiências enquanto jovem no estado do Maranhão.

Juventudes

Para respondermos às perguntas levantadas anteriormente, vamos entender melhor o que se entende por juventude atualmente. Diferentemente do que muitos pensam, a juventude não deve ser vista como uma fase natural e única da vida para todas as pessoas. As formas de ser jovem são produzidas a partir das condições da sua vida, da família que nasceu, do bairro que vive, das condições financeiras que você tem, das oportunidades que teve, ou seja, dependem das circunstâncias econômicas, sociais, políticas e culturais de onde se vive e de quando se vive.

Assim, não se pode falar de uma juventude universal, mas de um período da vida que é experienciado de diferentes maneiras por jovens ao redor do mundo, nas diversas regiões do país ou até mesmo dentro de um estado ou uma cidade. Por conta dessa pluralidade de modos de se viver essa etapa, recomenda-se o uso do termo juventudes, no plural mesmo, como uma forma de expressar a diversidade de experiências e particularidades (gênero, cor/raça, classe social, local de moradia, entre outros) dos jovens que influenciam no seu jeito de ser e viver.

Para exemplificar o que queremos dizer, pense na resposta que você deu à pergunta “Como você e seus/suas colegas vivem a juventude?”. Provavelmente, cada um tenha seus gostos e interesses, suas origens e experiências diferenciadas entre si, mesmo morando na mesma cidade e estudando na mesma escola. Esse é um pequeno exemplo da pluralidade que caracteriza as juventudes.

Agora pense no Brasil, um país enorme, com diferentes realidades, essa constatação é ainda mais forte, pois a experiência de um jovem ribeirinho do Maranhão é completamente diferente de um jovem de São Luís, que vive em um bairro rico. Apesar de serem jovens, possuem diferenças enormes nessa vivência.

Ainda que sejam experienciadas de várias formas, podemos falar de aspectos comuns às juventudes e que caracterizam esse período da vida. É provável que, ao pensar com seus amigos ou jovens de outras regiões sobre atividades e preocupações compartilhadas, vocês cheguem a questões como experimentar coisas novas, descobrir e explorar interesses e construir sua identidade. Para exemplificar, é nessa



fase que a gente começa a definir um estilo de música que gosta, que define o jeito que a gente se veste e que tipos de coisas queremos fazer em nossos momentos de lazer, como fazer esporte, jogar videogame, namorar ou ler um livro. Segundo o sociólogo francês François Dubet, essas são experiências compartilhadas por diferentes jovens não só no Brasil, mas no mundo.

Sendo assim, podemos compreender as juventudes como uma etapa da vida vivenciada de diferentes formas por diferentes pessoas, dependendo da época e do local onde vivem, assim como suas particularidades, interesses e experiências. Mas que pode ser caracterizada pela experimentação, pela construção da identidade e pela busca pela autonomia e pela independência.

Infelizmente, muitos jovens do Brasil não podem experimentar a juventude no que se

espera desse momento da vida, um tempo que pode viver coisas diferentes, sem ter que trabalhar, sem ter tantas responsabilidades, onde se amplia o universo cultural e simbólico e que se constrói sua identidade e escolhas. Essa realidade do que deveria ser a juventude, é vivida por uma minoria dos jovens, aqueles que têm famílias com alto poder aquisitivo e podem financiar esse tempo com liberdade.

Para entender melhor os diferentes modos de se experienciar a juventude no Maranhão, como eles podem ser importantes para o seu desenvolvimento e o que pode dificultar essas vivências, de todas e todos os jovens, a seguir vamos discutir a diversidade e a desigualdade existente no território maranhense e brasileiro.

Diversidade

Falamos bastante até aqui sobre a diversidade ou a pluralidade das juventudes e como isso diferencia a forma que vivemos esse período. Talvez você esteja se perguntando “O que seria essa diversidade?”, “Onde ela está presente?” ou até “Qual é essa diversidade aqui no Maranhão?”. É isso que tentaremos responder daqui para frente, começando pelo conceito de diversidade e depois explorá-lo no contexto maranhense.

Diversidade é o conjunto de diferenças, valores e experiências compartilhados e expressados pelos seres humanos na vida em sociedade. A diversidade pode ser manifestada de formas distintas, sejam elas sociais, culturais, regionais, étnico-raciais, geracionais, sexuais, funcionais, de gênero, religiosas, relacionados a alguma deficiência física, emocional e cognitiva, entre outras. São essas diferenças que caracterizam e potencializam a humanidade.

Por isso, é necessário entender a diversidade do ponto de vista do reconhecimento, do respeito e da valorização dessa pluralidade presente em você e em todos ao seu redor, entendendo que é a partir dela que construímos e afirmamos nossas identidades e contribuímos com o mundo.

É na escola que essas diferenças se destacam e são percebidas. Ao olhar para seus colegas é impossível não perceber o quanto é diverso o ambiente da escola, com jovens de diferentes cores, crenças e formas de expressar a sexualidade. Você já parou para

pensar ou observar a diversidade ao seu redor? Já se perguntou sobre as culturas, comunidades e tradições presentes na sua cidade e no seu estado?

O estado do Maranhão é um lugar com muita diversidade, aqui se reúnem pessoas de todos os tipos, origens e culturas. Pessoas de diferentes gêneros e orientações sexuais, pretas, brancas, amarelas e indígenas estão espalhados nas diferentes regiões do estado, organizadas em diversas comunidades, sejam elas indígenas, quilombolas, ribeirinhas ou rurais cada

qual com a sua crença religiosa, como por exemplo a umbanda, o candomblé, as igrejas evangélicas e católicas, o espiritismo, as tradições indígenas ou o islamismo. Aqui também é o lugar de festas tradicionais como o Bumba meu boi e os arraiais de São João, além dos ritmos musicais como reggae, hip-hop, samba, entre outros.

Cada um desses grupos e comunidades contribuem para a pluralidade cultural do Maranhão. É o compartilhamento, a mistura e a troca desses saberes tradicionais, dessas festas, dessas músicas

e danças, desses valores, dessas histórias, dessas culinárias, dos artesanatos e desses modos de ver o mundo que nos enriquecem enquanto sociedade. Por isso essa diversidade deve ser conhecida e reconhecida, valorizada e compartilhada por todo o estado, especialmente entre as juventudes. Ter conhecimento e apreciar essas culturas é algo fundamental para o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos e também uma forma de preservar essa história que faz de nós o que somos hoje.

Vale lembrar que esta é só uma introdução e não entraremos em detalhes aqui. Para realmente se conectar com toda essa diversidade presente no Maranhão, é preciso conversar com pessoas dos diferentes grupos e comunidades, visitar lugares que guardem essa memória e que compartilhem os conhecimentos sobre as diferentes culturas. Existem vários espaços e organizações que proporcionam experiências, rodas de conversa e outros tipos de troca que permitem uma aproximação com a pluralidade maranhense.

Um exemplo é a plataforma criada pelo governo do Maranhão chamada *Mapa Cultural do Maranhão* – <http://ma.mapas.cultura.gov.br/> – onde você e seus colegas podem conhecer mais sobre o cenário cultural maranhense e também contribuir com esse mapeamento compartilhando espaços e eventos que você conheça.



Desigualdade

Infelizmente, o que vemos no mundo e não é de hoje, é que muitas vezes as diferenças entre nós não são respeitadas e muito menos valorizadas. Essa atitude em relação ao que nos diferencia vem historicamente se constituindo como uma forma de inferiorizar, ofender, oprimir e discriminar as pessoas por conta de traços culturais e identitários, o que leva à intolerância, ao preconceito e à violência – seja ela física, verbal ou psicológica. Quando isto ocorre, a diferença deixa de ser olhada pela lente da diversidade e se torna desigualdade.

A desigualdade tem consequências perversas para pessoas e grupos sociais, muitas vezes leva à exclusão de espaços físicos e sociais, à negação de oportunidades, à ausência de ações e políticas públicas voltadas a eles e ao tratamento discriminatório nos diferentes ambientes de convivência social. As desigualdades podem estar associadas à renda, escolaridade, disparidades regionais, a morar no campo e na cidade e até mesmo associada ao bairro que você vive em uma cidade.

Para exemplificar, vamos tratar aqui de uma das desigualdades, a social, que marca a diferença entre ricos e pobres e os impactos que isso provoca no desenvolvimento das famílias e dos jovens. Os mais pobres sofrem distintas dificuldades, a começar pelas péssimas condições de moradia, pela falta de equipamentos públicos de lazer, esporte e cultura em seus

bairros. Em geral os bairros em que vivem são mais violentos, possuem transporte precário, ausência de saneamento básico e educação e saúde com baixa qualidade.

O acesso ao transporte, ao saneamento, à educação, etc., deveria ser provido pelo Estado, por meio da oferta de políticas públicas, ou seja, ações e equipamentos que garantem direitos sociais assegurados na Constituição Brasileira de 1988, que seriam ofertados a partir do pagamento dos impostos. Não tem nada de graça, a população paga por esses serviços e tem o direito a essas questões todas levantadas. Enquanto os mais ricos, das cidades, vivem em bairros com saneamento, bem asfaltados, com segurança, praças, arborizados e parte dos serviços são pagos e não públicos, como é o caso de educação e saúde particulares.

Vocês entenderam como é desigual o modo de vida dos mais pobres e mais ricos? Isso é um dos exemplos de desigualdade no país, mas que podem ser vistas na diferença da cor, do gênero, com piores condições econômicas das mulheres e na orientação sexual, quando pessoas não heterossexuais sofrem um conjunto de barreiras.

Os negros são a maioria nas periferias e favelas do Brasil, a maioria dos desempregados e que estão em situação de precariedade no mundo do trabalho e são vítimas da violência, 75% dos homicídios do país são cometidos contra negros. Todos os indicado-

res sociais mostram que a população negra tem menos direitos e acesso à educação, à saúde, ao saneamento básico, entre outros.

É muito importante destacar que ao falarmos sobre desigualdade, precisamos falar sobre racismo, machismo, LGBTQIA+ fobia e os outros diferentes preconceitos e discriminações que estruturam a nossa sociedade e que negam oportunidades. São formas de violência com as pessoas que fazem parte desses grupos. As ausências

e barreiras impostas a pessoas que experimentam a desigualdade social produzem marcas profundas no seu processo de desenvolvimento, restringindo a formação de competências essenciais para a vida e limitando a ocupação de profissões e lugares sociais mais valorizados na sociedade.

Para ilustrar as consequências das desigualdades, sugerimos que você e seus colegas façam a atividade *Corrida da desigualdade*.

¹ A sigla LGBTQIA+ reúne orientações sexuais (ou seja, por quem cada pessoa se sente sexual e afetivamente atraída) e identidades de gênero (como a pessoa se identifica): Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais. O sinal de + significa outras orientações sexuais e identidades de gênero (pansexualidade, não binariedade, crossdresser etc.).

Corrida da desigualdade

Junte-se com seus colegas na quadra da escola para uma corrida, mas antes de iniciar faça o conjunto de perguntas abaixo e quem responder positivamente dá um passo à frente.

- Quem nunca precisou se preocupar com as três refeições diárias?
- Quem nunca precisou ajudar com as tarefas de casa?
- Quem nunca precisou ajudar com as contas de casa?
- Quem nunca teve a preocupação de ter um lugar onde morar?
- Quem nunca teve dificuldade para ir à escola?
- Quem nunca sofreu algum tipo de preconceito dentro da escola ou fora dela?

Depois de responder as perguntas, olhem para as posições uns dos outros, as diferenças de posição são exemplos das desigualdades presentes na nossa sociedade. É importante perceber que nenhuma dessas questões, que deixaram alguns na frente e outros atrás, tem relação com o esforço, a capacidade ou o merecimento de vocês. É disso que falamos quando dizemos que as desigualdades são responsáveis por negar oportunidades.

Quando a Desigualdade e a Diversidade Se Encontram

Quando tratamos da diversidade e da desigualdade é importante pensar que esses processos podem se sobrepor e se cruzar e que uma pessoa pode ter distintos processos de exclusão que se somam. Uma mulher, negra, lésbica, moradora da periferia sofre discriminação por fatores distintos, que juntos, se potencializam. Esse processo de sobreposição entre raça, classe, orientação sexual etc., é chamado de interseccionalidade.

Interseccionalidade é um conceito socio-lógico que estuda as interações nas vidas das minorias, entre diversas estruturas de poder. Então, a interseccionalidade é a consequência de diferentes formas de dominação ou de discriminação. Ela trata das interseções entre estes diversos fenômenos.

Ao conhecer melhor os conceitos da diversidade, desigualdade e interseccionalidade, você certamente deve reconhecer amigos do bairro, da escola, familiares que vivenciam esses processos ou até mesmo você. É muito importante, que você seja um agente de mudança dessa realidade, valorizando e respeitando as diversidades e colaborando para enfrentar as desigualdades.



Dando sequência na conversa

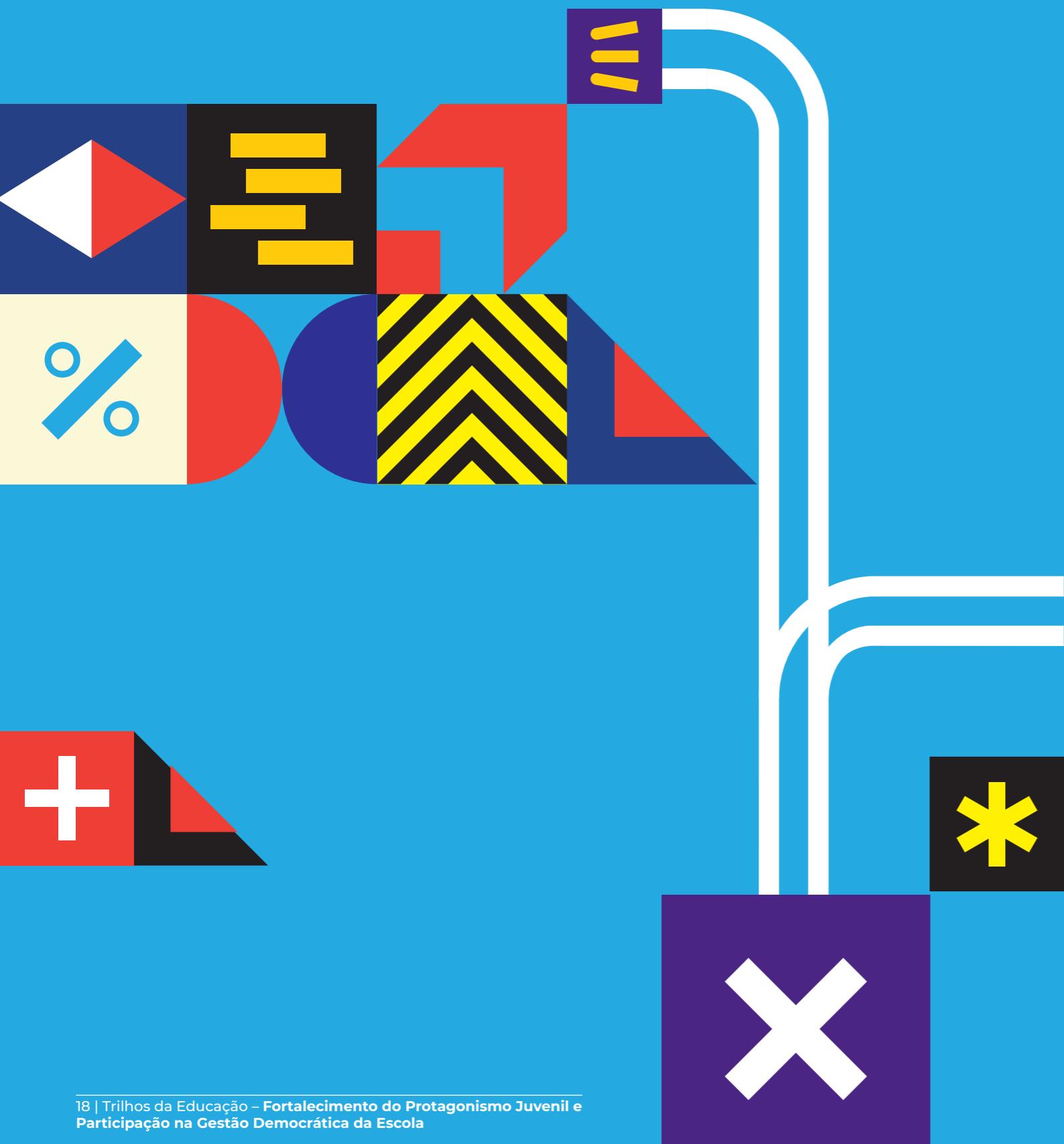
Considerando suas respostas na atividade anterior e tudo o que foi discutido neste capítulo e durante as aulas, convidamos você a refletir individual ou coletivamente sobre as seguintes questões.

- Depois deste capítulo, como você entende o que são as juventudes?
- Qual diversidade você observa em si, na sua escola e na sua comunidade? Como fazer com que ela seja valorizada e não se transforme em mais desigualdades?
- Depois da atividade “corrida da desigualdade”, você identificou possíveis iniciativas que podem contribuir para a redução dessas desigualdades?

Anote as discussões e as respostas, elas serão muito importantes no percurso que teremos pela frente neste material!

Capítulo 2

Direitos Juvenis



Introdução

É muito comum dizermos ou ouvirmos frases como “Eu tenho direito de estar aqui!” ou “Você não tem o direito de fazer isso!” nas mais diversas situações. Segundo o professor Eduardo Rabenhorst, isso deve ser visto como uma grande conquista, ainda que incompleta. Se olharmos para o nosso passado enquanto humanidade, veremos que muitas injustiças e atrocidades foram cometidas em relação a diferentes grupos. Nesses casos, quem cometia esses atos não via o outro enquanto alguém que merecia respeito e os benefícios da vida em sociedade.

Para combater essas injustiças e construir um mundo justo surgem os ideais pelos direitos dos seres humanos, que não foram dados por governos, mas frutos da organização e da luta de segmentos sociais excluídos. Nesse sentido, os direitos representam, além de uma busca por justiça, também uma obrigação do conjunto da sociedade para que essa paridade seja garantida. Para que nossos direitos de fato se concretizem, é preciso uma contrapartida do governo para assegurar as condições e o respeito das pessoas ao nosso redor para exercermos nossos direitos. É isso o que chamamos de deveres.

Deveres são o outro lado da moeda dos direitos, isto é, se nós temos o direito à liberdade de ter a própria religião, precisamos respeitar a religião escolhida pelo outro, para que de fato seja um direito compartilhado. Quando isto não acontece, há o que chamamos de violação dos direitos, o que infelizmente ocorre com frequência no Brasil e no mundo.

Para que os direitos não sejam apenas frases escritas em documentos oficiais e realmente façam parte da nossa realidade, o primeiro passo é conhecê-los, sempre tendo em mente os deveres que caminham junto deles, que é, em parte, o que faremos neste capítulo. O segundo passo é exercê-los ou lutar para que eles sejam garantidos por meio das leis e instituições responsáveis, ou a partir de organizações e movimentos sociais, sobre os quais falaremos um pouco mais adiante.

Como bem disse o professor Rabenhorst:

“Poder se ver como sujeito de direitos. Poder exigir que tais direitos sejam respeitados. Poder lutar para ter novos direitos. Eis uma transformação que afetou radicalmente a maneira como nós nos percebemos como pessoas e cidadãos” (2008, p. 3).

Para começo de conversa

Junte-se com seus colegas ou responda individualmente as seguintes perguntas:

- Quais direitos e deveres você conhece?
 - De onde vêm esses direitos?
 - Você sabe se possui direitos por ser jovem? Se sim, quais?
 - Você acredita que os seus direitos estão sendo garantidos? Por quê?
- Pense em exemplos.**

Anote as discussões e as respostas, pois ao passo que explorarmos os diferentes direitos que você possui e um pouco da história deles, você vai poder ver o que já sabia ou não sobre o assunto.

Direitos Humanos

Os chamados Direitos Humanos são aqueles garantidos a todos os seres humanos independente do seu país de origem. São direitos associados à dignidade humana, ou seja, estão além daqueles previstos nas leis dos países. Possuímos esses direitos simplesmente pelo fato de sermos humanos. A ideia de garantir direitos para todas as pessoas no mundo ocorre em 1948, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) aprova a Declaração Universal dos Direitos Humanos, logo após a humanidade experimentar duas guerras mundiais, em um curto espaço de tempo.

Os direitos humanos são uma grande conquista para a humanidade, porque deixamos de depender da vontade dos outros para que tenhamos direitos reconhecidos. Eles representam a ideia de que existem certas coisas que são fundamentais para vivermos enquanto indivíduos e enquanto sociedade.

Ao longo dos anos, os direitos humanos, também chamados de fundamentais, vêm evoluindo e incluindo mais grupos e aspectos da nossa vida. Atualmente, eles vão desde questões mais individuais, como o direito à vida, à liberdade de expressão e de crença religiosa, até direitos mais amplos como o direito à educação, à moradia ou aqueles que dizem respeito ao meio ambiente, à paz, às mulheres e às crianças.

No Brasil, vale destacar um direito essencial, que voltou a ser tema de grande preocupação, que é o direito à alimentação, con-



Designed by Freepik

dição mínima de sobrevivência. Infelizmente, a fome é hoje uma realidade de uma parcela da população e certamente um problema que deve ser prioridade absoluta na ação de um governo com apoio da sociedade.

No total, a Declaração Universal dos Direitos Humanos tem 30 artigos que descrevem os direitos que compartilhamos com toda a população mundial. Não colocamos essa lista neste material, mas recomendamos que você dê uma olhada. Você pode acessar no link: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Como dissemos no começo do capítulo, é muito importante conhecer seus direitos, só assim será possível exercê-los e lutar para que eles sejam garantidos.

Os direitos juvenis e a sua história

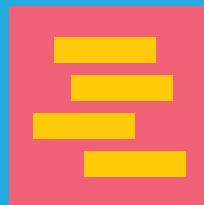
No Brasil, junto aos direitos humanos e aqueles previstos na nossa Constituição Federal, estão os chamados direitos juvenis. Eles são os direitos que devem ser garantidos a toda juventude brasileira, entendendo que ser jovem é um período importante das nossas vidas e que possui características – sobre as quais conversamos no capítulo anterior – que devem ser reconhecidas pela lei. Esse período da vida demanda que o Estado assegure educação de qualidade, equipamentos e ações que promovam o lazer, o esporte e a cultura e subsídios, como é o caso do ID Jovem, que assegura meia-entrada cultural ou transporte interestadual gratuito, já que os jovens não possuem

recursos financeiros como os adultos e não, necessariamente, estão no mundo do trabalho e quando sim, ganham menos.

As conquistas desses direitos foram frutos de lutas e articulações de coletivos e movimentos jovens com o objetivo de garantir que você e toda a juventude sejam sujeitos de direitos reconhecidos pela lei, podendo exercê-los em diferentes espaços das mais diversas formas. Contudo, ainda que se tenha avançado em sua aprovação, ainda falta muito para que todos sejam efetivados para a grande massa de jovens do país.

Essa trajetória tem início no século XX e teve seus momentos mais importantes entre as décadas de 1990 e 2010, como mostraremos a seguir.



**1934**

Constituição dá aos jovens o direito à **educação**, que antes não era um direito garantido à todos.

**1964 - 1985**

(Ditadura Militar) Período em que os movimentos estudantes foram fundamentais para resistir à opressão e luta pela democracia.

1979

Greve da Meia Passagem: Uma greve estudantil em São Luís reivindicando a meia passagem para estudantes. A greve foi marcada por forte repressão policial às passeatas e assembleias.

**1990:**

Aprovação do **Estatuto da Criança e Adolescente** (ECA), que assegura o direito de organização à participação em entidades estudantis.

**2003:**

Aprovação da **Lei 10.639** que torna o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, assegurando um ensino que conte com a diversidade brasileira.

**2005:**

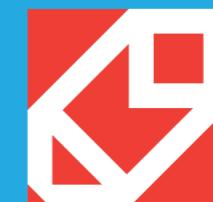
Criação da **Secretaria Nacional da Juventude** e do **Conselho Nacional da Juventude**, responsáveis por pensar as políticas públicas e ações voltadas para a juventude brasileira.

**1988**

Retomada da democracia e a aprovação da **Constituição de 1988**, que segue até hoje e garante novos direitos à toda a população, como os direitos ao transporte e a moradia, além do direito ao voto aos 16 anos.

**1996:**

Aprovação da **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (LDB), que garantiu a criação de duas instituições, a Associação de Pais e Mestres e o **Grêmio Estudantil**, cabendo à Direção da escola criar condições para que os alunos se organizem em Grêmios.

**2013:**

Aprovação do **Estatuto da Juventude**, documento que reconhece e estabelece os direitos de todas e todos os jovens brasileiros.

**2015:**

Criação da **Identidade Jovem**, ou **ID Jovem**, documento que comprova a condição de jovem de baixa renda para acesso à meia entrada, da reserva de vagas nos veículos do sistema de transporte interestadual e da gratuidade na emissão da Carteira de Identificação Estudantil.



01. Direito à Diversidade e à Igualdade

Estatuto da Juventude

Como deu para ver na linha do tempo, o Estatuto da Juventude (EJ) se tornou e continua sendo o principal documento sobre os direitos da juventude brasileira. O EJ representou grandes conquistas em termos de reconhecimento e garantia de novos direitos para os e as jovens de todo o Brasil.

A primeira delas foi a definição da juventude como o período vivenciado entre os 15 e os 29 anos de idade. Tornar a juventude mais longa, permitiu que mais jovens pudessem experientar essa etapa da vida e aproveitar os direitos e possibilidades que ela oferece, em especial jovens das camadas populares, negros e negras, mulheres, indígenas, quilombolas, moradores e moradoras de zonas rurais e ribeirinhas.

Além disso, o Estatuto da Juventude estabelece um total de 11 direitos que devem ser assegurados e proporcionados pelo governo brasileiro e respeitados por toda a população, sendo eles:



02. Direito ao Desporto e ao Lazer



03. Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão



04. Direito à Cultura



05. Direito ao Território e à Mobilidade



06. Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça



07. Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil



08. Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda



09. Direito à Saúde



10. Direito à Educação



11. Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente

Destacamos também o Artigo 17 do EJ (2013) que diz o seguinte:

O jovem tem direito à diversidade e à igualdade de oportunidades e não será discriminado por motivo de:

- I - etnia, raça, cor da pele, cultura, origem, idade e sexo;
- II - orientação sexual, idioma ou religião;
- III - opinião, deficiência e condição social ou econômica.

Veja que esse artigo está totalmente conectado com os conceitos de diversidade e desigualdade que discutimos no capítulo anterior. O Estatuto parte do princípio de que é preciso reconhecer e valorizar a diversidade juvenil, de forma a proteger os jovens de preconceitos e discriminações, muitas vezes responsáveis pelas desigualdades presentes na nossa sociedade.

Em resumo, o Estatuto da Juventude é um documento que dá a você e a todos os jovens brasileiros possibilidades e proteções legais – ou seja, das leis – para que possam viver esse período de diferentes formas e se desenvolver como pessoas e cidadãos, ainda que estas precisem ser transformadas em políticas públicas pelos governantes para serem uma realidade experimentada em seu cotidiano.

O direito à participação

Atualmente existe no conjunto da sociedade uma visão de que os jovens de hoje são apáticos e avessos à participação. O que você pensa disso?

Essa afirmação em geral compara a atual geração com jovens de outro tempo, em especial aqueles que lutaram contra a ditadura, a partir do movimento estudantil e organizações políticas. Porém, tivemos episódios da história recente no Brasil, que mostram que essa visão não é real e que existem sim jovens do país que participam de movimentos e coletivos, mas que têm se expressado de forma diferente de outros tempos.

Isso não significa que essa nova geração seja despolitizada ou que não tenha desejos de mudança, a questão é que ela manifesta seus anseios a partir de uma gramática política diferente: os jovens desse início de século XXI acreditam na política, mas não creem em partidos; reconhecem a importância da coletividade, mas almejam crescer individualmente; buscam transformações, mas são pouco afeitos a rupturas; anseiam por novas ideias, mas são também pragmáticos.

Ainda que muitos jovens, como você, busquem romper com as dificuldades impostas nas suas vidas a partir da atuação coletiva, milhões de jovens têm sua cidadania interditada, pois possuem uma agenda diária que não permite que sobre tempo para se dedicar a causas sociais e coletivas. As desigualdades que discu-

timos no primeiro capítulo são grandes obstáculos para a juventude brasileira e pode também ser para você.

As desigualdades sociais levam os jovens a trabalharem duro para ajudar no sustento da família, com grandes deslocamentos pela cidade para ir à escola e ao trabalho e nesse contexto sequer são informados dos seus direitos básicos, o que torna muito difícil seu engajamento e atuação. O racismo, o machismo e a intersecção entre eles fazem com que jovens mulheres, negros e negras sejam discriminados, vítimas da violência e impedidos de participar do jeito que gostariam.

O que vemos é uma juventude que vem criando novas formas de participação, como a atuação por meio da cultura, da comunicação, da religião, da internet e da ação social no bairro, por meio de ações voluntárias. Apesar e por causa das dificuldades, os jovens têm inventado formas de produzir novas relações sociais, com os saraus periféricos, as batalhas de slam, os coletivos de denúncia de violação de direitos ou de visibilidade de suas iniciativas por meio digital, por meio do empreendedorismo social ou de promoção de ações de doação de alimentos, de revitalização de praças, entre outros.

Assim, ao mesmo tempo que sofre com as desigualdades e os problemas da nossa sociedade, a juventude ganha mais importância e resiste à agenda de destruição ambiental, de ataque aos direitos individuais e sociais, de ampliação da pobreza e da fome e de aniqui-



Designed by pch.vector / Freepik

lamento das diferenças. A sua geração (e certamente, as próximas que virão) vem enfrentando o enorme desafio de se empoderar nas ruas e nas redes para defender seus direitos, reivindicar as liberdades e construir caminhos para um país com mais igualdade e justiça. E fazem criando novas formas de atuação, por isso destacamos a importância do direito à participação no Estatuto da Juventude, ele contribui para que você e outros jovens lutem e reivindiquem seus direitos.

Dando sequência na conversa

A escola é um dos principais espaços para exercer essa participação, por isso propomos a reflexão:

- Você tem sido convidado ou incentivado a participar de alguma atividade ou espaço de participação?
- Como a escola tem promovido a participação dos estudantes?
- O que te motiva a se envolver nos espaços de participação da sua escola?
- Como reunir mais pessoas para participar? Vamos chamar os amigos e arregaçar as mangas?

Capítulo 3

O Jovem Na Escola



Introdução

Agora que você conhece seus direitos enquanto ser humano e jovem no Brasil, você pode estar se perguntando: "Como eu faço para exercer esses direitos?". Responder essa pergunta não é uma tarefa fácil, já que você deve perceber que boa parte deles estão na lei, mas não estão garantidos no seu dia a dia. A ideia aqui é apresentar alguns caminhos de como aproveitar a escola como um espaço para concretizar parte deles, com seu engajamento.

Se usarmos o direito à participação como exemplo, veremos que podemos participar em diferentes lugares – na sala de aula, na escola, na comunidade ou na política – e de diferentes formas, propondo metodologias e temas para as aulas, demandando melhorias nas quadras, criando um coletivo, fazendo um sarau, debatendo em assembleias ou manifestando nas ruas. Isso só mostra a diversidade de possibilidades para o exercício de um único direito. É claro que apesar de todas essas

possibilidades, muitas barreiras aparecerão no caminho, nem todos os professores serão incentivadores, mas a gente sempre encontra alguém na escola que topa ajudar a realizar iniciativas propostas pelos estudantes.

Por outro lado, participar é também uma ótima maneira de exercer e reivindicar outros direitos, ou seja, um exercício de cidadania. Isto porque cidadania é também a prática de opinar, propor, debater e reivindicar dentro dos diferentes espaços de participação, mas também criar novos espaços e formas de contribuir com a sociedade, seja em sala de aula, na escola, na comunidade ou no país. E o que vemos hoje em dia são o surgimento e a consolidação de novas formas de se fazer tudo isso, em especial por meio da internet e das redes sociais.

Recentemente, Greta Thunberg, uma jovem sueca, ficou conhecida no mundo todo por realizar protestos todas as sextas,



Designed by vectorjuice / Freepik

Gestão Democrática e Participação

na frente do parlamento do seu país, exigindo medidas efetivas dos governantes para conter o aquecimento global. Greta Thunberg fundou um movimento internacional chamado “Fridays For Future” e inspirou uma greve global pelo clima, em 15 de março de 2019. Isso tudo não seria possível sem a existência das redes sociais.

É importante dizer que a internet possibilitou a todos nós novos jeitos de nos relacionarmos, mas também de discutirmos, nos organizarmos e atuarmos nas nossas vidas e no mundo ao nosso redor, fazendo dela uma ótima plataforma para a participação e o exercício da cidadania. Porém, percebemos também que ela se tornou um espaço utilizado para disseminar discursos de ódio, desinformação, padrões de comportamento, entre outras questões que nos prejudicam enquanto indivíduos, mas também como sociedade. Esse processo se dá quando criticamos uma amiga no Facebook que não tem um corpo idealizado. Ataques virtuais a jovens na internet já foram responsáveis por suicídios em algumas partes do mundo. Por isso, é sempre fundamental termos em mente os benefícios e os problemas da internet, para poder utilizá-la da melhor forma em nossas vidas.

Assim, para entender as diferentes formas de se exercer nossos direitos, falaremos neste capítulo sobre as possibilidades de participação dentro da escola, entendendo o que já existe, o que pode ser criado e o que é fundamental para o exercício da cidadania dentro do ambiente escolar.

Para falarmos sobre a participação na escola, é essencial conversar sobre Gestão Democrática. De forma bem resumida, a gestão democrática é um modo de organizar as atividades da escola – questões políticas, administrativas, culturais e pedagógicas – para que ela cumpra a sua função que é educar todos os estudantes, mas fazendo isso com a colaboração de todos os membros da comunidade escolar, ou seja, diretor, coordenadores, professores, pais e responsáveis, líderes do bairro e vocês, estudantes. Na prática, uma gestão democrática nada mais é do que a gestão da escola com a participação de todos de forma colaborativa nas tomadas de decisão.

A gestão democrática também é uma forma de aprendizado para você e seus colegas. É poder participar de discussões sobre melhorar os espaços de lazer da escola, propor mudanças no currículo ou nas dinâmicas das aulas junto com os professores, ajudar a decidir as atividades extracurriculares, organizar festas e outros eventos na escola, entre várias outras possibilidades. Tudo isso envolve escutar, argumentar, fazer propostas, formar uma opinião, desenvolver interesses, representar seus colegas, aprendizados importantíssimos nos dias de hoje. É uma vivência da cidadania e da democracia dentro da escola, uma possibilidade de exercer seus direitos e de participar das decisões.



Designed by pch.vector / Freepik

O interessante é que esse jeito de administrar a escola é algo previsto nas leis brasileiras, está na nossa Constituição Federal, como também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A ideia de gestão democrática deveria orientar as atividades de todas as escolas do Brasil, inclusive aqui no Maranhão. Sabemos que nem sempre isso acontece, mas assim como dissemos sobre os direitos, o fato de que é algo presente nas leis, permite que vocês proponham ou reivindiquem que ela de fato aconteça na sua escola. É impor-

tante ter persistência, consistência nas suas propostas e juntar mais estudantes para fortalecer a reivindicação.

Na sequência, vamos discutir sobre várias possibilidades de participação que contribuem para a construção conjunta de uma gestão democrática dentro da sua escola. Daqui para frente também vamos propor algumas reflexões para você e seus colegas pensarem como a sua escola se organiza e o que falta para ela realmente ser democrática. Começando pela pergunta: “Você considera a sua escola democrática? Por quê?”

Participação na sala de aula

Existem várias maneiras de participar em sala de aula, vai depender do tema que você e seus colegas decidirem que é importante, por exemplo: assuntos para serem discutidos durante as aulas, atividades que contribuam para o aprendizado da turma, novas formas de avaliar a aprendizagem que não sejam provas ou testes, entre outras possibilidades. Além disso, a participação vai se diferenciar dependendo do que vocês forem fazer sobre cada tema.

Se vocês entenderem que atividades diferentes ajudam para que mais estudantes aprendam, o segundo passo é pensar em quais seriam as atividades, depois conversar com a professora se é possível fazer e por último realmente colocar as ideias em prática. Só nesse percurso, as possibilidades são muitas e o mesmo vale se escolhessem propor algo novo nas avaliações ou nos assuntos para as aulas.

Como vocês podem ver, existe um mundo de possibilidades para se envolver na sala de aula e vamos falar sobre elas mais para frente. Antes temos que dizer que, mesmo com toda essa diversidade de maneiras de participar, podemos falar de alguns princípios que ajudam a pensar em ideias para participação e como colocá-las em prática.

O primeiro deles é a colaboração. Participação, como dissemos na seção anterior, é um processo coletivo, ou seja, feito em parceria com outras pessoas, sejam elas seus colegas ou professores. Então, por mais que

você tenha pensado em algo incrível, é sempre importante conversar com seus colegas para entender se faz sentido para todo mundo, se existem propostas de melhoria ou algo do tipo. O mesmo vale para o contato com os professores, depois de conversar com a turma, falar, em conjunto, com o professor ajuda na aceitação da ideia, no engajamento de todos no momento de colocá-la em prática.

O segundo é ser proativo quando for possível. Talvez na sua escola, não exista tanto espaço para a participação em sala de aula, ou, se houver, não sejam tão frequentes, por isto, é importante que você e seus colegas aproveitem os momentos que tiverem para dar suas opiniões, propor ideias, fazer críticas ou reivindicar mudanças, sempre de uma forma respeitosa. Muitas vezes pode acontecer de você não se sentir confortável de falar ou ter a sensação de que não será ouvido de fato, e isso faz parte, mas, aos poucos, é fundamental que você vá ocupando esse lugar, porque quanto mais vocês, jovens, forem falando e se posicionando, maiores as chances de suas ideias serem aceitas e que mudanças aconteçam na sua escola.

Nesse sentido, a ideia da colaboração pode ser muito importante, porque ao invés de falar individualmente, você e seus colegas podem se manifestar enquanto grupo, diminuindo o peso de dar uma opinião sozinho e aumentando a potência da participação.

Por fim, temos dois princípios que se misturam a paciência e a perseverança.

Provavelmente você já esteve na situação em que uma proposta ou uma demanda feita pelos estudantes não foi atendida pelos professores, tendo as mais variadas justificativas. Infelizmente, isso é algo que vai continuar acontecendo, não só porque em alguns casos os professores podem não abrir o espaço para contribuições dos jovens ou podem não concordar com as propostas feitas, mas também muitas vezes por não ser possível executar as ideias, seja por falta de recursos, por desconhecimento, falta de tempo ou outras questões.

É muito importante que vocês entendam essas situações, porque elas fazem parte, mas não impedem a sua participação e a dos seus colegas, por isso ter paciência com os obstáculos no caminho e ter a perseverança de seguir participando. Este será um grande aprendizado para a vida, porque cada vez que uma ideia não der certo, você terá a oportunidade de melhorar essa ou a próxima para que sejam colocadas em prática.

Começando os trabalhos!

Para dar início à participação, junte-se com seus colegas para pensar sobre:

- Definir, em conjunto, para qual disciplina seria mais interessante propor alguma iniciativa e o motivo da escolha;
- Decidir, em conjunto, o principal ponto das aulas que é preciso melhorar;
- Escolhido o ponto, construir uma proposta do que poderia ser feito para melhorar essa questão;
- Conversar com professor sobre a proposta e como colocá-la em prática.

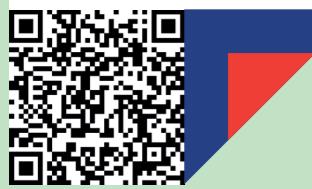




Experiências Inspiradoras



Alunos misturam arte e física e mudam a forma de aprender.



Guia da Ação Avaliativa



Aulas mudam depois de resultado de pesquisa com estudantes.



Estudantes criam grupo de rap e diminuem evasão escolar.



Mão na Massa



Participação na escola

Para falarmos sobre participar na escola teremos que ampliar o nosso olhar para os princípios e possibilidades de participação discutidos até aqui. É importante dizer que o que foi dito para a sala de aula continua valendo e sendo importante, só não será suficiente para pensar a participação na escola como um todo.

Começando por onde se participa, a escola é muito maior e dá muito mais

possibilidades para ações, atividades, discussões e decisões do que a sala de aula. Um exemplo, é que as atividades propostas por você ou seus colegas não precisa estar ligada à uma disciplina, como física, pode ser também sobre a qualidade da merenda, a pintura da escola, a realização de uma festa ou até uma revisão no currículo da escola. Além disso, a participação acontece em

outros espaços que podem ou não ser distantes para vocês, mas que são muito importantes para se decidir os rumos da escola e do seu aprendizado.

Provavelmente, o mais conhecido é o Grêmio Estudantil, muito comum aqui no Maranhão e é uma das principais formas de se participar em toda a escola. Nele, estudantes como você podem se reunir, discutir problemas e possibilidades da escola, propor ações, organizar e levar demandas para professores ou gestores da escola (coordenadores, vice-diretores e diretor), assim como ser um canal de comunicação entre a gestão e os estudantes. Fazer parte do Grêmio pode ser um grande aprendizado por ser um espaço em que você vai debater ideias, identificar problemas, pensar em soluções e formar opiniões, todas habilidades muito importantes para o seu desenvolvimento enquanto cidadão.

Separamos algumas experiências de Grêmios no Brasil, eles podem ajudar na organização e na atuação do Grêmio da sua escola.

Outro espaço de participação que existe ou pode ser criado na escola é a assembleia. Ela é um encontro de todos os estudantes da escola ou de cada etapa do ensino (fundamental ou médio) para se discutir e tomar decisões sobre temas específicos da escola. As assembleias podem acontecer periodicamente, ou seja, uma vez por mês, por bimestre ou semestre, e também podem incluir

Escola se propõe a debater os espaços e forma um Grêmio Estudantil



Em parceria com o Grêmio, jovens criam slam para discutir preconceitos



Jovens criam clube de leitura de escritoras negras para inspirar a trajetória de meninas negras



outros membros da comunidade escolar, como professores, gestores, funcionários da escola e até pais ou responsáveis.

Diferente dos Grêmios, que geralmente envolvem um número menor de estudantes, eleito pelos colegas para representá-los, as assembleias permitem que mais jovens participem, deem suas opiniões e façam suas propostas, sendo um espaço de participação direta. Na prática, é uma ótima forma de trazer mais estudantes para conversar sobre as questões escolares, que



pode apoiar as ações do próprio Grêmio e tornar esse processo mais colaborativo, um dos princípios da participação.

Também deixaremos aqui alguns exemplos de como organizar assembleias na sua escola.

Na sua escola também existem os conselhos, o conselho escolar e o conselho de classe. O primeiro é um espaço em que representantes da comunidade escolar se reúnem periodicamente para discutir e tomar decisões sobre as questões da escola. Em uma gestão democrática, o conselho escolar deveria reunir gestores, professores, estudantes, pais e funcionários da escola escolhidos pelos grupos que representam, ou seja, os jovens da escola devem escolher entre si aqueles que farão parte do conselho, assim como professores, pais e funcionários.

A participação juvenil nos conselhos escolares é muito importante, porque são os espaços em que as principais decisões sobre a escola são tomadas. Por exemplo, quais as melhorias necessárias nas salas de aula, nas quadras ou em qualquer outra parte da escola; a elaboração do currículo da escola para os próximos anos; a realização de eventos na escola; a inclusão de novas atividades no contraturno, como a formação de clubes estudantis.

Em resumo, o conselho escolar é um dos principais espaços de participação na escola. Por isso, é muito importante que jovens como você se proponham a

fazer parte desse espaço (se a escola já abre essa possibilidade) ou reivindiquem que o grupo de estudantes esteja representado nele.

Já os conselhos de classe são espaços em que professores e estudantes das diferentes turmas, com o apoio da gestão escolar, podem dialogar sobre o que vem dando certo ou errado, e novas propostas para melhorar a aprendizagem da turma. São momentos para refletir em conjunto sobre como vem sendo as aulas, os resultados das avaliações e as relações entre estudantes e professores.

Os conselhos de classe são ótimos espaços para que você e seus colegas apresentem e discutam com os professores suas ideias, demandas e reclamações sobre seus aprendizados na sala de aula. Eles não precisam ficar limitados a olhar para as notas bimestrais e a aprovação ou reprovação. Isso faz parte, mas existem tantas possibilidades quanto as que falamos sobre participação na sala de aula. Na prática, o conselho de classe é uma extensão ou continuação da participação na sala de aula!

Conhecendo os espaços de participação da escola!

A princípio, todos esses espaços de participação deveriam estar presentes nas escolas, porém isso nem sempre acontece. Por isso convidamos você e seus colegas a identificarem esses espaços e como eles funcionam. Para isto, temos uma lista de perguntas para orientar a sua pesquisa.

- Quais desses espaços (grêmio, conselho de classe, conselho escolar e assembleia) existem na sua escola? Se existem, quem faz parte deles? Os estudantes têm seus representantes em todos eles?
- Como são escolhidos os representantes de professores, estudantes, pais e funcionários (caso eles participem desses espaços)? Qualquer um pode se candidatar?
- Quais as ações realizadas e decisões tomadas nesses espaços? Elas têm sido comunicadas para toda a escola? Para responder essas perguntas, procure os representantes estudantis e dos professores, ou a direção da escola.

As respostas para estas perguntas te darão uma boa ideia de como funciona a participação na sua escola e, assim, você poderá identificar as lacunas e as possibilidades de participação. Com isso em mente, é a hora de você conversar com seus colegas, professores, funcionários e a direção para dar início à participação na escola!

Importância da Representação

A participação é um processo fundamental para a escola, para uma cidade ou um país, mas nem sempre todas as pessoas conseguem participar de todas as decisões que se referem ao coletivo, toda hora e em todos os espaços. Por isso, temos a ideia de representação, que significa delegar algumas decisões a representantes, eleitos, para tomar a decisão por um grupo. Esse é o processo que fazemos com o representante de turma, que defende os interesses de toda a sala ou com o grêmio, ao eleger uma chapa para defender os interesses de todos os estudantes da escola.

Ao fazer parte de espaços como o grêmio e os conselhos, você estará representando o conjunto de jovens da sua escola em vários assuntos e ações. Para garantir que você esteja sendo representativo é muito importante escutar e se comunicar com seus colegas, registrando as opiniões, entendendo as demandas e os conflitos, pensando em soluções em conjunto e mantendo todos informados sobre as discussões e as decisões nos espaços em que você participa.

Assembleias, rodas de conversa, questionários e caixas de sugestão são boas formas de você construir e manter esse diálogo com seus colegas. São todas maneiras, umas mais pessoais, outras anônimas, de escutar o conjunto de estudantes e agir a partir dessa escuta. É muito importante que você dê espaço para todos os jovens da escola se manifestarem sobre os diferen-



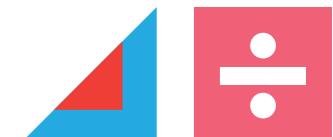
Designed by pch.vector / Freepik

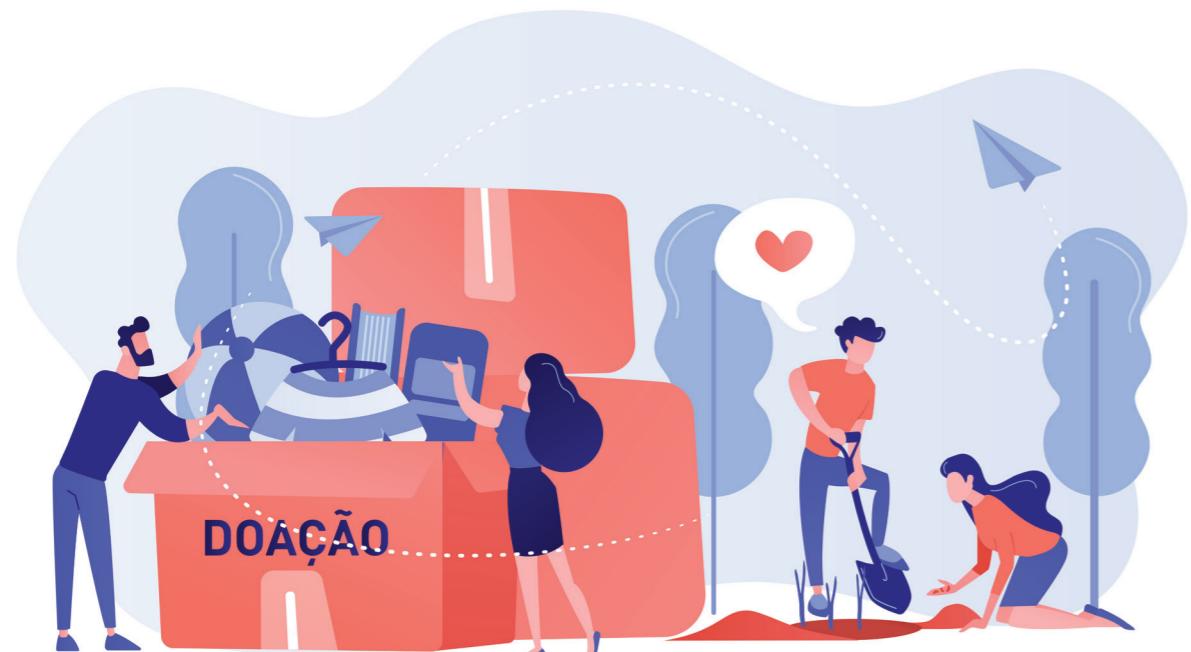
tes assuntos, principalmente aqueles que muitas vezes não são valorizados ou conhecidos na escola. Lembre-se de que a ideia de diversidade segue sendo fundamental, é preciso que exista uma diversidade de opiniões, propostas, demandas e participação vindo de diferentes grupos de jovens.

Esse processo de representação é o mesmo que acontece com os vereadores, prefeitos, deputados, governadores e presidentes. São pessoas que dedicam o seu tempo de trabalho à esfera da política e tomam as decisões que devem garantir uma vida digna a toda a coletividade.

Contudo, quando olhamos para a classe política brasileira, é fácil de perceber que ela é dominada por homens, brancos, velhos e em geral ricos. Esse perfil da representação não corresponde à maioria do povo e não expressa a diversidade presente na sociedade. Por isso, é comum dizer que eles não são representativos da população, pois as camadas mais pobres, os indígenas, as mulheres, os negros não se sentem representados nos espaços de poder, que reproduzem decisões e políticas que não enfrentam as desigualdades que tratamos no capítulo 2.

Portanto, o conceito de representatividade é garantir que os segmentos sociais diversos estejam representados e reconhecidos por esses públicos, como por exemplo os jovens, que representam 25% da população brasileira e não passam de 10% da composição do Congresso Nacional. Você não acha bom se tivéssemos mais jovens deputados? Se sim, é porque você reconhece que isso é representativo.





Designed by vectorjuice / Freepik

Coletivos Juvenis

Existe uma forma bastante comum dos jovens se organizarem que é em torno de temas ou de suas identidades (racial, gênero, orientação sexual, pessoa com deficiência), mas sem uma estrutura formal, como acontece no grêmio, por exemplo, que possui definições de cargos e uma certa hierarquia. Os coletivos são estruturas horizontais, sem a pretensão de representar outras pessoas e que buscam organizar ações coletivas transformadoras.

Existem inúmeros coletivos e grupos de jovens no Brasil, que atuam com a preser-

vação do meio ambiente, com ações culturais, comunitárias e que podem ser formados na escola ou fora dela. É interessante pesquisar sobre a existência deles no seu bairro, comunidade e quem sabe convidá-los para ser parceiro da escola ou até mesmo, montar um com seus amigos. O mais importante é ter uma causa em comum para lutar e aí é só arregaçar as mangas.

Para te ajudar, organizamos alguns exemplos de coletivos existentes em escolas brasileiras.

Coletivos trazem causas da nova geração para a escola



Coletivo de meninas realizam debates sobre igualdade de gênero



Regras, convivência e clima escolar

Toda escola tem um conjunto de regras e normas, mas na maioria das vezes, estas não foram elaboradas com a escuta dos estudantes. Você teve a oportunidade de discuti-las? São horários definidos, formas de convívio, rotinas estabelecidas e muitas vezes não sabemos quem definiu e o porquê das decisões. O fato é que as regras e normas definem muitas coisas na escola e é importante dialogar sobre elas, não apenas para entendê-las, mas para aperfeiçoá-las. Às vezes existem normas que duram décadas em uma escola, mas já não correspondem mais à cultura de uma sociedade, como por exemplo a proibição do uso de boné dos meninos ou saia das meninas. O mundo mudou e a escola precisa mudar.

Outro aspecto essencial é a convivência e o clima escolar, ou seja, como são estabelecidas as relações entre e intraestudantes e profissionais, se são respeitosas, baseadas no diálogo ou se reforçam a violência e a intolerância. As dificuldades de convivência acontecem entre os estudantes, expressas em várias formas de discriminação e bullying com os colegas ou mesmo de professores com estudantes e vice-versa.

A construção de um clima escolar respeitoso, agradável, é uma responsabilidade de todos da escola e deve ser perseguido diariamente. Para isso, é muito

importante que se crie espaços e se utilize daqueles que já existem na escola para manter um diálogo permanente sobre os conflitos, métodos de resolução dos mesmos, formas de reparação pacificadas e mudança permanente das práticas e das relações. Construir um clima acolhedor e positivo não é fácil, mas demanda compromisso de todos os atores da escola para o respeito ao outro, a diferença do outro, valorizando a diversidade e fortalecendo a participação e a democracia na escola.



Designed by Freepik

Projeto de vida

O novo ensino médio (NEM) trouxe mudanças significativas na escola, como uma aprendizagem baseada em competências, a possibilidade de você escolher um itinerário para se aprofundar, o desenvolvimento de competências socioemocionais e o projeto de vida. O projeto de vida é o aspecto do NEM que mais possui interface com o estímulo à participação que trabalhamos nesse material, pois trabalha com três eixos: o autoconhecimento, a cidadania e o mundo do trabalho.

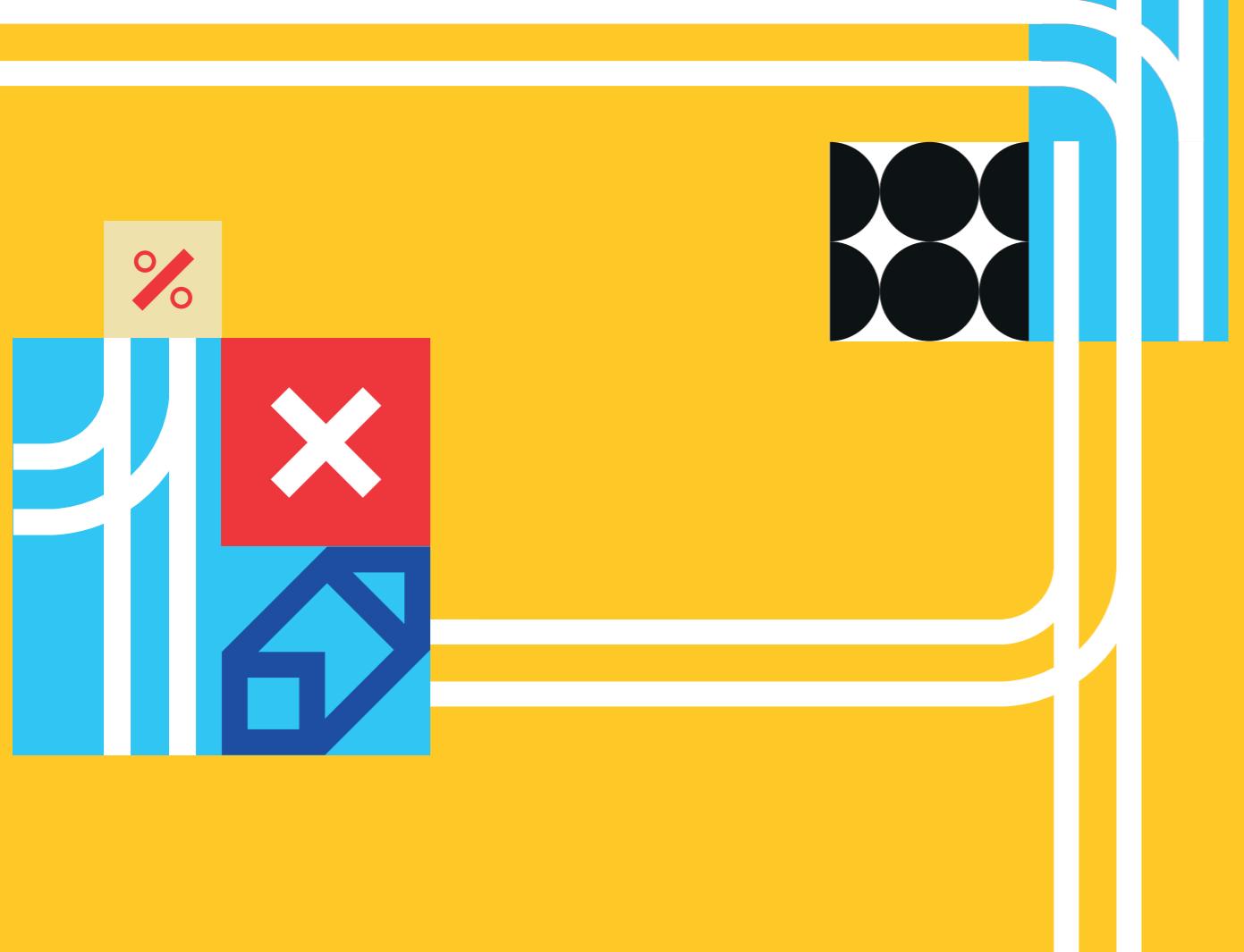
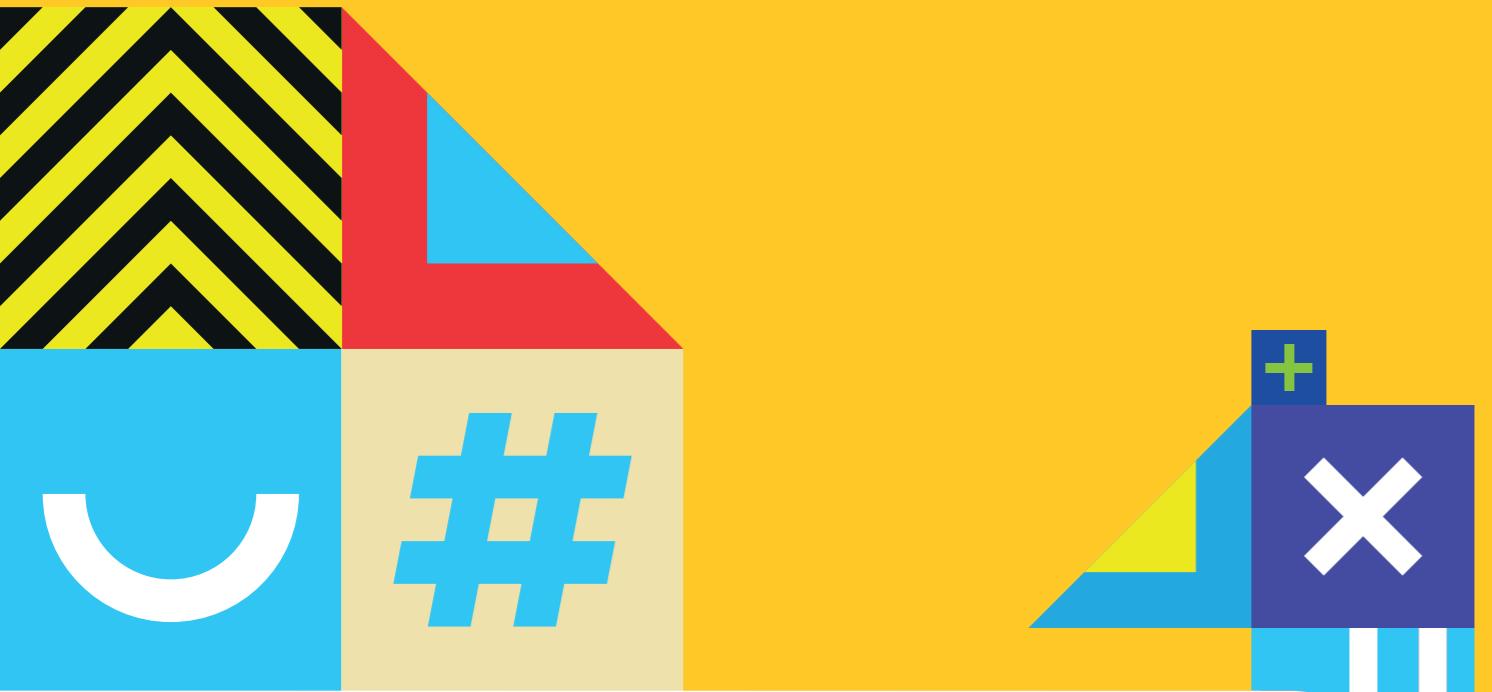
Como vocês observaram, para desenvolver a cidadania é essencial participar, não apenas da escola, mas de ações no seu bairro, na sua cidade e no seu país e isso contribui muito para o desenvolvimento do seu projeto de vida, porque te proporciona diversas experiências que serão muito importantes ao longo da sua vida durante e depois da escola. No próximo capítulo vamos apresentar uma forma de participação que tem tudo a ver com a sua formação para ser um cidadão crítico e ativo.



Designed by Freepik

Capítulo 4

Juventude, escola e comunidade



Introdução

Como já falamos, a participação não se resume à escola, mas além de ser um ótimo lugar para começar, ela pode ajudar muito a construir uma participação em outros lugares. Um bom exemplo é a relação entre a escola e a comunidade do entorno. Várias escolas fazem trabalhos muito importantes com moradores e organizações do bairro ou da região onde se encontram.

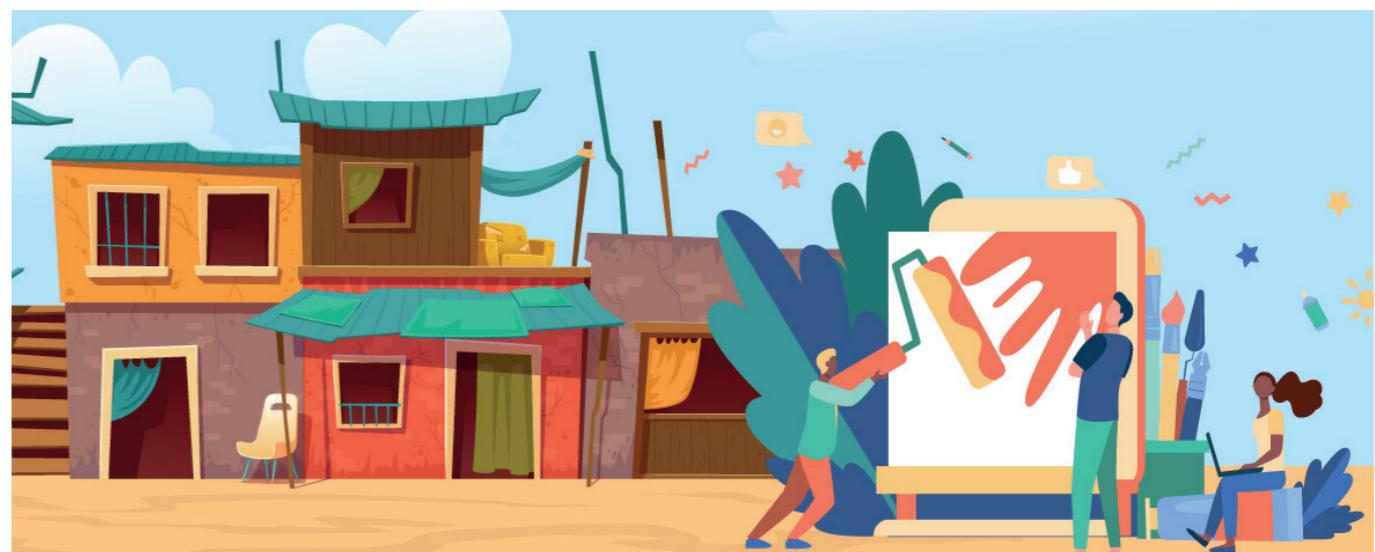
As ações são diversas e vão desde a organização de eventos na escola e a ida dos estudantes em projetos sociais, saraus, batalhas de rima, e apresentações culturais, até a construção do currículo ou do projeto pedagógico da escola, incluindo saberes e demandas locais para serem desenvolvidas nas aulas e que contribuíssem com o desenvolvimento da comunidade como um todo.

Quando jovens, professores, gestores e demais funcionários da escola levam a participação para além dos seus muros, é possível produzir coisas sensacionais e ajudar o seu aprendizado e dos cole-

gas, mas também a vida das pessoas que moram ao redor da escola e que são importantes para a sua continuidade. Essa aproximação faz com que a escola consiga ser mais contextualizada, aproximando o conhecimento transmitido da realidade vivida no bairro e trazendo saberes populares e iniciativas juvenis locais para dentro dos muros da escola.

Como você já deve saber, essa não é uma tarefa fácil de alcançar. Talvez a sua escola não tenha uma cultura de promover esse tipo de interação ou de participação com a comunidade, ou a própria comunidade não é tão aberta a iniciativas desse tipo, porém existem formas de superar esses desafios, e promover uma participação da escola com a comunidade que seja benéfica para todo mundo.

Pensando nisso, neste capítulo vamos explorar alguns dos passos fundamentais para constituir uma participação que envolva você, seus colegas, a escola e a comunidade no entorno!

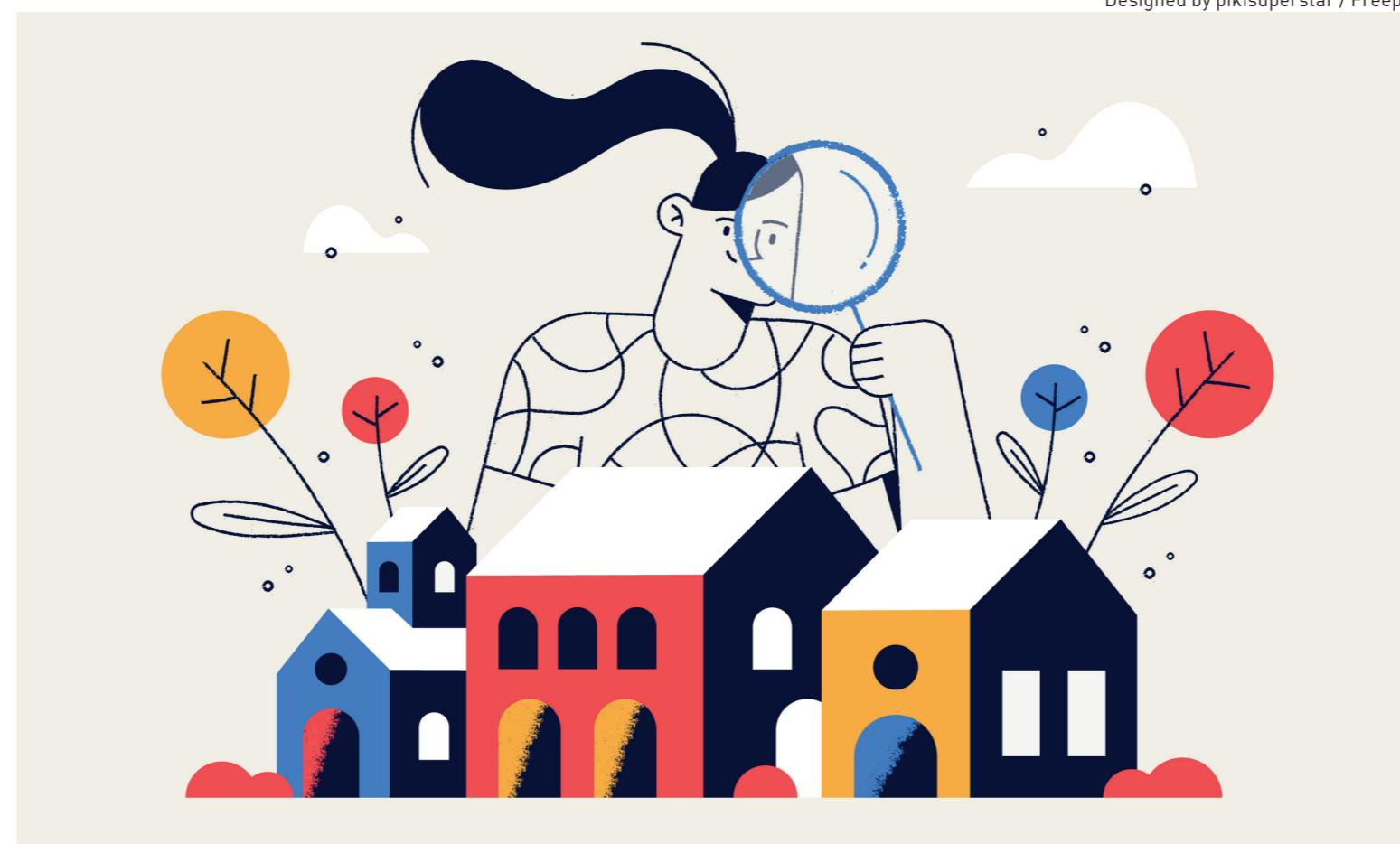


Designed by pch.vector / Freepik

O primeiro passo para participar na comunidade é conhecê-lo, é importante ter em mente que cada lugar é diferente e essas diferenças têm que ser levadas em consideração, isso significa entender as características e compreender a diversidade desse território.

Ele é urbano ou rural? Que comunidades e culturas vivem nesse lugar? São ribeirinhos, quilombolas, agricultores, indígenas ou pessoas da cidade? Quais são as principais atividades que acontecem nesse local? É a plantação de alimentos, a venda de produtos em lojas e vivendas, é uma produção cultural com shows, saraus e outros eventos culturais, a presença de templos e organizações religiosas, ou será que existem instituições e espaços de educação (escolas, parques, museus, organizações não governamentais ou coletivos)? Quais os conhecimentos preservados e compartilhados pelas pessoas que vivem no território? Saberes ancestrais de diferentes culturas, a religiosidade de diferentes matrizes (africana, cristã, judaica, muçulmana, budista, etc.), as habilidades de plantação e colheita, a culinária tradicional, a cultura hip hop (rap, break, graffiti), o samba, o reggae, o bumba meu boi e outras músicas populares, ou será um pouco de tudo?

Além disso, também é preciso olhar para os problemas e dificuldades que existem nessa comunidade. Quais são as condições de moradia, saneamento básico (acesso à água, esgoto tratado, coleta de lixo, etc.), saúde (quantidade de hospitais, Unidades



Designed by pikisuperstar / Freepik

Básicas de Saúde, Unidades de Pronto Atendimento, médicos da família disponíveis), segurança, educação, emprego e transporte? O que mais dificulta a vida dessas pessoas?

Com essas informações, você, seus colegas e a sua escola serão capazes de pensar em ações para contribuir com a comunidade e aprender no processo. No processo de participar junto ao território, é preciso ter cuidado para que as atividades e intervenções propostas façam sentido para quem vive, mas também que esteja dentro das possibilidades da escola e do próprio local.

De nada adianta você ter uma grande ideia e não ter as condições ou a abertura para colocá-la em prática. Por exemplo,

se uma comunidade tem grupos de jovens de rap e funk não faz sentido promover um evento de bandas de rock. Ao mesmo tempo, se não existe uma Unidade Básica de Saúde no bairro, é inviável que a escola e os estudantes se responsabilizem pela construção de um equipamento de saúde no território, por mais importante que isso seja para aquela comunidade, é uma tarefa muito grandiosa e custosa.

Coletivos Juvenis

Mas aí você pode perguntar: como eu faço para conseguir todas essas informações para pensar na minha participação e da minha escola? O melhor jeito para fazer isso é conhecer e conversar com as pessoas que moram no território, serão elas que vão te contar as experiências de viver naquele espaço ao longo dos anos, as mudanças que aconteceram, as tradições, o que tem de bom e de ruim naquela comunidade. Esse processo é fundamental, porque, na prática, a participação no território tem como principal objetivo contribuir com as pessoas que fazem parte daquele lugar, então nada mais justo e importante do que ouvir o que elas têm a dizer, para, aí sim, pensar em como ajudar!

Sugerimos que você e seus colegas também procurem na internet algumas informações sobre o bairro em que pretendem atuar. Algumas informações podem complementar os relatos dos moradores da comunidade, por exemplo, se alguém comentar sobre uma organização local importante, você pode pesquisar mais sobre ela, buscar o contato, ver quais as atividades ela realiza, onde ela se encontra e assim por diante. Também é possível encontrar dados sobre a quantidade de hospitais, estações de trem ou metrô, linhas de ônibus que passam por ali, o que existe ao redor ou dentro do bairro que poderia contribuir, entre outras informações.

Existem experiências de pesquisa simples, feitas com celulares ou até mesmo com questionários impressos, que podem gerar informações interessantes para se

aprofundarem sobre problemas e desafios locais, inclusive pesquisas cartográficas, que podem ser sobre dados sociais, econômicos, culturais e até afetivos. Veja essa experiência de cartografia realizada por um professor de Geografia:

Professor de geografia utiliza o entorno da escola para criar mapas colaborativos



“De uma forma geral, recomendamos que você e a sua escola se esforcem para conhecer o local e as pessoas com quem querem trabalhar, se fizerem isso, suas propostas terão muito mais chances de serem aceitas, colocadas em prática e de terem resultados positivos para a comunidade, além de representarem um aprendizado para todos os envolvidos.”

Conexão participação, escola e território

Depois de conhecer a comunidade e levantar algumas possibilidades de atuação, um grande desafio é pensar, junto com professores e gestores, em conexões dessas ideias com os conteúdos e atividades desenvolvidas nas aulas e na escola. Mesmo que a participação, por si só, já seja um grande aprendizado para você e os seus colegas, é importante contar com o apoio da escola e colocar em prática conhecimentos desenvolvidos na sala de aula.

Essa não é uma tarefa que só os estudantes devem realizar, muito pelo contrário. Professores e gestores devem se engajar na construção de iniciativas que sejam viáveis, contribuam para a comunidade e signifiquem aprendizados dos conteúdos do currículo escolar. Essa orientação dos adultos e que estão mais familiarizados com os conhecimentos escolares e onde eles se aplicam na nossa vida vai ser fundamental para realmente colocar em prática as ações de participação. Também por isso, é importante que você e seus colegas peçam ajuda, escutem e respeitem as recomendações dos professores e gestores.

Lembramos que esse, como toda participação, não vai ser um processo fácil, e que aqueles princípios de participação que falamos no último capítulo – colaboração, proatividade, paciência e perseverança –, assim como o respeito à diversidade de opiniões, serão essenciais para fazer com que as suas iniciativas sejam as melhores possíveis. Mas também ressaltamos que vocês não precisam partir do zero, na sequência apresentamos algumas experiências já realizadas em diferentes lugares do Brasil que podem ajudar a pensar nas suas ações junto com a sua escola.

Além de iniciativas da escola e dos estudantes na comunidade, é possível e importante que a escola abra suas portas para que eventos e projetos comunitários aconteçam no espaço escolar. Isto pode acontecer de diferentes formas, seja com festas cul-

turais ou escolares que tenham a participação, convidem ou sejam organizadas junto com moradores e artistas da comunidade; com eventos esportivos com times e atletas locais e da escola; palestras ou rodas de conversa com lideranças locais e membros de organizações sociais ou coletivos do território, como uma forma de compartilhar as experiências e conhecimentos dessas pessoas; entre outras tantas possibilidades. A seguir compartilhamos algumas das experiências pelo Brasil de ações como essas.

Estudantes ajudam a preservar e compartilhar as manifestações culturais do bairro



Jovens quilombolas criam jornal para contar as próprias histórias



Estudantes se mobilizam e ajudam a criar lei para proteger recifes de corais





Designed by pch.vector / Freepik

Como você pode ver, a participação, com a escola junto da comunidade, oferece diversas maneiras de contribuir com a comunidade local, reconhecendo e potencializando seus traços culturais e projetos que já acontecem, também ajudando a pensar e resolver os problemas locais, assim como experiências que serão muito importantes para o seu desenvolvimento e o dos seus colegas.

É essencial que, nesses processos de participação, você e seus colegas tenham em mente que a comunidade possui saberes e vivências que merecem ser valorizadas e com as quais todos temos o que aprender. Assim como a escola e os conhecimentos que ela trabalha têm grande importância e podem auxiliar na construção de uma sociedade melhor.

Essa ação fora da escola é uma aproximação importante do exercício da cidadania, colaborando com a organização da comuni-

dade para exigir políticas públicas efetivas. Com essas ideias e os princípios de participação como suporte, você vai ser totalmente capaz de colocar os seus saberes e experiências enquanto jovem e desenvolver diferentes projetos, ações e iniciativas na sua escola e na comunidade da qual você faz parte!

Adolescentes combatem violência urbana abrindo a escola para a comunidade



Plataforma sobre experiências de participação de jovens



Designed by pch.vector / Freepik

Formas de organização juvenil dentro e fora da escola

Assim como falamos no capítulo anterior, aqui, os coletivos também são formas alternativas de você e seus colegas se organizarem para atuar na comunidade do entorno da escola, nas comunidades onde vocês moram ou na própria escola.

Coletivos podem ser muito potentes, porque mobilizam você e seus amigos em causas que vocês acreditam e não exigem uma estrutura burocrática para fazer acontecer. Você pode encontrar coletivos organizados no seu bairro que despertem seu interesse em se engajar ou mesmo montar um coletivo com um grupo de amigos da escola ou vizinhos. São tantas coisas que podem ser realizadas para melhorar a vida em comunidade e faz muita falta em um local, pessoas dispostas a contribuir para organizar ações com interesse público e coletivo, para melhorar uma praça, pre-

servar uma área verde, montar um projeto cultural, pensar uma ação voluntária de distribuição de alimentos ou pressionar os governos para promover melhorias sociais.

Independente do coletivo ter surgido fora da escola, você sempre pode encontrar formas de conectar essa ação e o aprendizado desenvolvido com a escola, promovendo ações com os estudantes, levando saberes para a sala de aula e sensibilizando professores e gestores com as ações.

Sempre você encontrará resistência e dificuldades, financeiras, organizativas e de envolvimento das pessoas, mas é importante persistir e vencer as barreiras. O aprendizado que você adquirirá nesse percurso você levará para toda a vida, ajudará a desenvolver seu senso crítico, sua capacidade de realização, argumentação e autonomia.

Conclusão

Neste material, buscamos trazer um repertório sobre as juventudes, seus direitos e exploramos a dimensão da participação na escola e fora dos muros. A Secretaria Estadual de Educação aposta que a escola tem papel essencial de estimular os estudantes a serem donos do seu destino e que se desenvolvam cidadãos ativos, capazes de reivindicar seus direitos e autores de transformações

em suas comunidades, em suas cidades, no estado do Maranhão e no Brasil. A nossa aposta é que a educação deve ter o papel de transmitir a cultura e o conhecimento produzido pela sociedade, mas que fundamentalmente deve despertar a curiosidade para que os jovens criem novos caminhos para mudar o curso natural da história e que possam ser realmente livres.



Designed by piksuperstar / Freepik

Referências

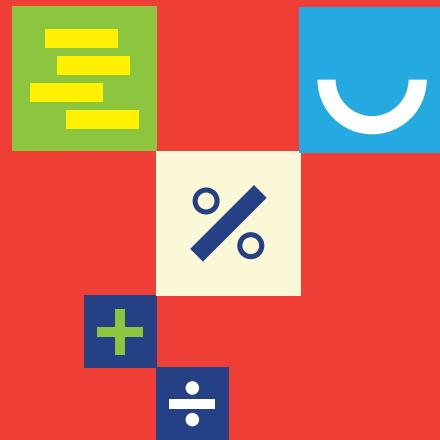
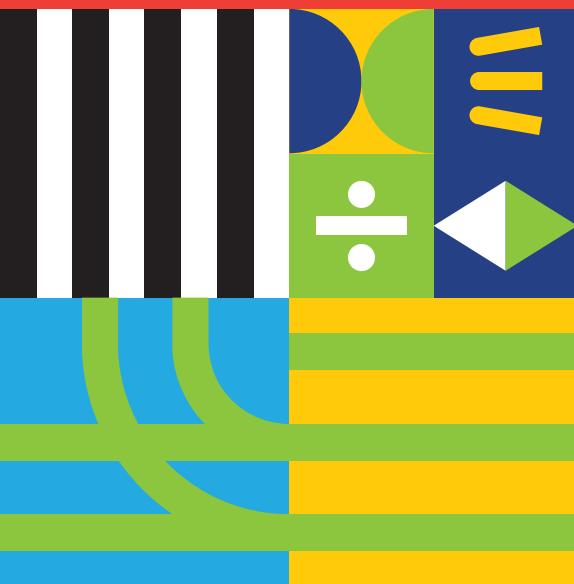
- ARANTES, F. S. SOUZA, R. **Jovens e o ensino médio: desafios para a educação brasileira**. São Paulo: Instituto Unibanco, 2019. BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.
- Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.
- COSTA, M.I.S.; IANNI, A.M.Z. O conceito de cidadania. In: COSTA, M.I.S.; IANNI, A.M.Z. **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica** [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFA-BC, 2018. p. 43-73.
- DOURADO, L. MORAES; K. OLIVEIRA, J. Gestão escolar democrática: definições, princípios e mecanismos de implementação. In: BRASIL. Ministério da Educa-

ção. Secretaria de Educação Básica. **Escola de Gestores da Educação Básica**. 2. ed. CD 1. Brasília: MEC, 2013.

FAZ SENTIDO. **Diversidade, equidade e inclusão na escola**. Instituto Unibanco. Disponível em: <<https://fazsentido.org.br/referencias/>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

PORVIR. **Guia de Participação dos Estudantes na Escola**. Porvir. Disponível em: <<https://participacao.porvir.org/>>. Acesso em: 7 mai. 2021.

RABENHORST, E. O que são direitos humanos? In: ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares et al. **Direitos Humanos: capacitação de educadores**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.



Trilhos da EDUCAÇÃO

PARCERIA:



FLACSO
BRASIL



VALE

SEDED

GOVERNO DO
MARANHÃO

